

## **Estratégias de ensino de ciências pelo Facebook e pela biblioteca em um contexto escolar de Manguinhos**

Aline Silva Dejosi Nery<sup>1</sup>

Sabrine Lino Pinto<sup>2</sup>

Chreiva Magalhães Malick<sup>3</sup>

Sônia Cristina Vermelho<sup>4</sup>

### **Resumo**

No presente trabalho buscamos abordar a possibilidade da aplicação de dois distintos recursos pedagógicos em uma escola pública municipal localizada no bairro de Manguinhos, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro recurso se refere à utilização da rede social Facebook como ferramenta pedagógica para as aulas de ciências, enquanto o segundo recurso diz respeito às mediações pedagógicas realizadas por professores e pela bibliotecária na sala de leitura (biblioteca escolar), considerada como espaço potencial de articulação dos conteúdos trabalhados em sala de aula do ensino fundamental, visando à promoção de experiências educativas para a construção do conhecimento científico. Metodologicamente, o estudo é de cunho qualitativo e fundamentado na pesquisa participante. Tal ação foi realizada nas turmas dos turnos da manhã e da tarde e deu-se por meio de um questionário, com perguntas referentes aos recursos utilizados, com o objetivo de levantar dados. Os resultados preliminares encontrados constataram que os recursos tanto da rede social quanto da sala de leitura, além de serem aprovados pelos alunos, servem como um potencial educacional para os professores em suas práticas pedagógicas, além de fomentar uma melhor atuação profissional e contribuir para a reflexão crítica no que diz respeito aos métodos disciplinares adotados.

**Palavras-chave:** Vulnerabilidade. Redes Sociais. Sala de Leitura. Educação.

### **Abstract**

In the present work we seek to address the possibility of applying two distinct pedagogical resources in a municipal public school located in Manguinhos, North Zone of the Rio de Janeiro city. The first resource refers to the use of the Facebook social network as a

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: alinesnery@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: brinevix@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: chreiva@hotmail.com

<sup>4</sup> Doutora em Educação, História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta no Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: cristina.vermelho@gmail.com

pedagogical tool for science classes, while the second resource concerns the pedagogical mediations used by teachers and librarians in the space of the Reading Room (school library) as potential space for articulation of the discussed contents in the classroom of Elementary and High School aiming at the promotion of educational experiences for the construction of scientific knowledge. Methodologically, the study is of a qualitative nature based on the participant research. This action was carried out in the classes of the morning and afternoon shifts through a questionnaire with questions regarding the resources for the data collection. The preliminary results found that the resources of both the social network and the reading room besides being approved by the students serve as an educational potential for teachers to use in their pedagogical besides fomenting a better professional performance and contribute to critical reflection about disciplinary methods.

**Keywords:** Vulnerable. Social Networks. Library. Education.

## 1 Introdução

A presente pesquisa faz parte de um projeto intitulado “Educação em ciências: estudo das mediações com jovens em situação de vulnerabilidade social”, que vem sendo desenvolvido em uma escola municipal de ensino fundamental na cidade do Rio de Janeiro desde 2015. Em 2017 foram iniciados os trabalhos de pesquisa participante com a rede social Facebook e com a sala de leitura (biblioteca escolar), cujas ações são apresentadas neste artigo como dados de um levantamento inicial.

O bairro de Manguinhos, onde está situada a escola que foi campo de investigação, teve seu início em meados do século XIX numa área de chácaras e fazendas. Localizado ao norte da capital brasileira na época, a ocupação urbana foi estimulada pela fundação das linhas férreas, como a Estrada de Ferro em 1886, e pelo deslocamento de habitantes do centro da cidade e de áreas mais valorizadas na zona sul às margens da Baía de Guanabara (IBGE, 2010; MAGALHÃES, 2011; FERNANDES; COSTA, 2013). A favela começou com habitações populares alojadas devido a ações individuais e de grupos, mas também por meio das políticas públicas habitacionais, em um quadro que contrapõe o abandono dos governantes e a luta dos moradores diante da situação da moradia (FERNANDES; COSTA, 2013), o que podemos notar até os dias atuais.

O nome Manguinhos se deve ao fato de o local ter sido área de manguezal, característica que pouco é lembrada em função dos grandes aterramentos realizados ao longo do século com o lixo originário da cidade e o material de grandes obras de urbanização (FERNANDES; COSTA, 2013). A ocupação do bairro, que ocorreu no século XX, está

Aline Silva Dejosi Nery; Sabine Lino Pinto; Chreiva Magalhães Malick; Sônia Cristina Vermelho

[...] associada a aspectos socioeconômicos gerais, às mudanças socioespaciais, às políticas públicas e à densa ocupação, além das obras nas áreas marginais à Baía de Guanabara, as quais mudaram sua configuração original – aterrando suas enseadas, praias, pequenas ilhas, rios e manguezais (IBGE, 2010, p. 11).

As habitações construídas ao longo do século XX transcorreram às margens da cidade, com especificidades internas singulares que geraram origens, trajetórias e perfis diferenciados e construções sociais formatadas historicamente em uma relação estreita com os determinantes políticos, econômicos e sociais, com base nos quais se construíram grandes cidades brasileiras ao longo do século (FERNANDES; COSTA, 2013).

Custódio (2016) afirma que isso mostra o preconceito e a criminalização em relação às populações pobres. Desde a criação da polícia militar em 1808 até hoje, a segurança pública serve para proteger a cidade dita “formal” do perigo que representam os favelados para o resto da população. Essa mentalidade política isolou e criminalizou todos os moradores pobres, contribuindo para a expansão da criminalidade. Em contrapartida, a caracterização desse grupo de moradores como “comunidade”, como afirmam Freire (2008) e Fernandes e Costa (2013), é uma forma de rompimento com a lógica da exclusão. Essa ideia procura promover a integração da favela à cidade, e não a sua exclusão, mostrando que a diferença é um atributo relacionado com as identidades sociais. Nesse sentido, são promovidos processos sociais pelos moradores para romper com o preconceito em relação tanto à provisoriedade quanto à violência e à marginalidade que lhes são apregoadas.

A denominação do lugar onde se situa a escola representa maneiras distintas de olhar e agir sobre o lugar; por isso a importância em compreender a forma como são construídos e reconstruídos dinamicamente o cotidiano de suas interações sociais.

Do ponto de vista educacional, historicamente, os embates teóricos acerca do papel da escola e da educação têm gerado teorias da educação que são classificadas de duas formas: uma entende que a escola pode ser um instrumento de equalização social, de superação da marginalidade; enquanto a outra teoria compreende a educação como um instrumento de discriminação social, sendo assim um fator de marginalização (SAVIANI, 2012).

Com isso, ao falar sobre a marginalidade e as relações entre a educação e a sociedade, Saviani entende que não se trata de “um fenômeno acidental que afeta individualmente um número maior ou menor de seus membros, o que, no entanto, constitui um desvio, uma distorção que não só pode como deve ser corrigida” (SAVIANI, 2012, p. 4).

Aline Silva Dejosi Nery; Sabine Lino Pinto; Chreiva Magalhães Malick; Sônia Cristina Vermelho

Sem dúvida, os julgamentos com base em valores escolares têm um papel, sendo a maneira de organizar a sociedade comparada com outras maneiras possíveis, maneiras que consideram oferecer melhores possibilidades de suavizar a luta do homem pela existência, ou seja, uma prática histórica específica é comparada com as suas próprias alternativas históricas, como é a luta da formação de Manguinhos, que enfrenta problemas de autoritarismo e descaso do Estado, aspecto que geralmente passa quase despercebido para quem não vive naquele contexto, sem contar seu sentimento de inferioridade e a diferença cultural entre as pessoas que vivem na cidade, que têm possibilidades de acessar serviços como os de postagem, saúde, entre outros (ADORNO, 2000).

Tudo isso caracteriza Manguinhos como um bairro em contexto de vulnerabilidade social. O conceito de vulnerabilidade social, de acordo com Monteiro (2011), não é um conceito pronto, pois, tendo em vista sua magnitude e complexidade, é um conceito em construção. Seu primeiro uso ocorreu na área de direitos humanos, cujos estudos restringiram sua compreensão a partir do viés econômico, voltando-se à capacidade de mobilidade social, pois se entendia que o fator econômico tinha influência na redução de oportunidades e interferia de forma direta nas possibilidades de acesso a bens e serviços. Na América Latina, foi apresentado um avanço significativo no tema quando se apontou que os riscos de mobilidade social não atingiam apenas a população pobre, mas a sociedade em geral, “uma vez que a desproteção e a insegurança transcendem a capacidade de satisfação das necessidades básicas” (MONTEIRO, 2011, p. 32).

Nesse sentido, a presente pesquisa é o resultado da identificação da possibilidade de contribuir com a melhoria da educação nesse contexto vulnerável, em comum acordo entre a direção, as pesquisadoras e os professores envolvidos. A proposta de aplicação de questionário aos alunos – acerca de seu perfil, hábitos, interesses de leitura, frequência na biblioteca e também hábitos, gostos, interesses e realidade quanto ao uso das redes sociais – foi o ponto de partida para a pesquisa, cumprindo um papel fundamental para o seu andamento, uma vez que possibilitou direcionar e ajustar certas ações durante posteriores incursões em campo.

## 2 A utilização do Facebook como recurso pedagógico

Percebemos que, na maioria das aulas, os estudantes estavam desmotivados, desatentos e sem interesse. Por isso, um recurso pedagógico que revolvemos utilizar na escola, no ensino de ciências e tecnologia, foi a rede social Facebook, como ferramenta de apoio.

As tecnologias digitais surgiram mediante a infraestrutura do ciberespaço, como um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transição, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. Levy (2010, p. 17) define o ciberespaço como sendo

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Assim, o ciberespaço é uma ferramenta que pode fortificar ou esmaecer os relacionamentos, bem como os sentimentos de alienação e fragilidade. Rüdiger (2011), ao fazer crítica da economia política e da cibercultura, afirma que a cibercultura pode até ser uma emanção cotidiana desta era definida como o sistema dialético no qual a ação e a estrutura cultural vêm a ser virtual, porém, tem o seu antagonismo nos processos de cooperação (socialização) e competição (alienação, isolamento, fragmentação).

Óbvio que aderir ao uso de tecnologias pode ter um lado negativo, tendo em vista que a tecnologia pode gerar um desenraizamento cultural do sujeito, como a substituição do uso da língua culta por outra variação, devido à alta frequência de uso da internet, com seus modos de ser, pensar e viver, afetando o indivíduo implícita ou explicitamente em variados aspectos da sua vida (SANTOS, 2015).

Santos (2015), ao tratar de educação, trabalho docente e tecnologias, diz que a atual geração é muito influenciada por diversos tipos de ferramentas e formas de comunicação e tecnologia. Diante disso, os computadores, apesar de ser considerados como umas das principais ferramentas da modernidade tecnológica, não são assim utilizados, pelo fato de o capitalismo estar preso às relações de produção e troca, o que impede a exploração desses

Aline Silva Dejosi Nery; Sabine Lino Pinto; Chreiva Magalhães Malick; Sônia Cristina Vermelho

instrumentos de forma democrática e com objetivos sociais e emancipatórios (RÜDIGER, 2011).

Assim, buscamos entender como era a perspectiva e o uso dos jovens com relação às redes sociais e se eles a utilizavam como forma de motivação ao ensino de ciências.

### **3 Estratégias da sala de leitura dentro da escola**

O segundo recurso pedagógico que propomos utilizar na escola foi suscitar o interesse dos alunos por meio das mediações pedagógicas dos professores e da bibliotecária na sala de leitura, como espaço potencial de articulação dos conteúdos trabalhados em sala de aula, em especial da disciplina de ciências do ensino fundamental, visando a promoção de experiências educativas para a construção do conhecimento científico num contexto de vulnerabilidade social, podendo, assim, contribuir para uma educação emancipadora.

A história da humanidade é profundamente marcada pelos manuscritos, documentos e livros que desempenharam a função importantíssima de registrar a cultura, a memória, as invenções, o pensamento e o conhecimento produzido no decorrer das eras. Com isso, houve a necessidade de reunir todo esse material num espaço organizado, onde pudesse ser localizado de forma segura, formando coleções – que, “com o tempo, passaram a ser referenciais” e serviram como “importantes elos entre etapas da história”, além de guardarem “parte da produção intelectual de um período histórico de um povo”. Essas coleções, por fim, passaram a ser denominadas de bibliotecas, que estão condicionadas pela “existência de alguma forma de organização que permita encontrar o que se deseja” (MILANESI, 2002, p. 10; 12).

Já na época contemporânea, marcada pela explosão bibliográfica, a biblioteca passou por algumas transformações, impulsionada pelo estabelecimento da ciência moderna, que acarretou na expansão e rapidez de produção das literaturas e documentos científicos. A biblioteca tornou-se comum a todas as áreas do conhecimento, não assumindo mais a função principal de guardar, mas de viabilizar o acesso à informação (SANTA ANNA, 2015).

Embora tenha sido reduzida nas últimas décadas a um simples lugar de acesso e guarda de informação, a biblioteca é também conservatório de sentido,

[...] onde se encontram metáforas científicas que ordenam o mundo e o esclarecem, mas também metáforas literárias, poéticas, geradas pelo exercício lento de escritores ou de artistas que realizaram um trabalho de transfiguração de seus próprios questionamentos e dos vários conflitos que estão no cerne da vida psicológica e social. (PETIT, 2009a, p. 52).

Dessa forma, ainda segundo Petit (2009a, p. 26), “a biblioteca se apresenta como um ambiente ‘natural’ para a oralidade”, no qual estão escondidas, nos livros escritos a partir da voz interior de um autor, milhares de vozes. Quando alguém lê, faz reviver de forma singular essa voz advinda talvez de séculos atrás e passa a dividir um espaço íntimo e subjetivo com o autor, aquele que lhe empresta a voz. Por meio dos textos lidos, abre-se um caminho “em direção à interioridade, aos territórios inexplorados da afetividade, das emoções, da sensibilidade” e, conseqüentemente, “a tristeza ou a dor começam a ser denominadas” (PETIT, 2009a, p. 46).

Na biblioteca, com o auxílio de um profissional, um usuário pode desenvolver competências como: fazer pesquisas por conta própria, utilizar documentos com autonomia, familiarizar-se com uma bibliografia ou tomar notas. Além disso, esse espaço pode contribuir para uma mudança de atitude em relação à leitura (PETIT, 2009b, p. 7).

Ressaltamos que, na escola onde se realizou a pesquisa, havia na verdade uma sala de leitura, mas que foi tratada e utilizada potencialmente como uma biblioteca; por isso, justificamos o uso desse termo em alguns momentos.

#### **4 Metodologia**

O objetivo deste estudo foi investigar o uso e as potencialidades da biblioteca e da rede social Facebook como recursos metodológicos nas turmas de ensino fundamental de uma escola pública municipal em situação de vulnerabilidade social para estimular o interesse e o pensamento crítico dos estudantes quanto aos conteúdos científicos.

Assim, para a realização das referidas ações, foi aplicado um questionário destinado a todos os discentes dos turnos matutino e vespertino matriculados na escola, do qual obtivemos um total de 524 respondentes. Esse instrumento nos possibilitou fazer uma análise do perfil dos estudantes em caráter exploratório e descritivo (FERREIRA, 2002; SILVA; HAYASHI; HAYASHI, 2011; VERMELHO; AREU, 2005) e resultou na construção de indicadores dos sujeitos, seus interesses, opiniões e sentimentos no que diz respeito ao uso da rede social Facebook e da sala de leitura e aos hábitos de leitura. Esses dados foram incluídos no *software* estatístico *Sphinx Léxica*, versão 5.1, que permitiu a realização dos estudos quantitativos e qualitativos por meio da investigação do conteúdo a partir de categorias analíticas e os testes de hipótese a partir da quantificação das categorias.

Aline Silva Dejosi Nery; Sabine Lino Pinto; Chreiva Magalhães Malick; Sônia Cristina Vermelho

Desses 524 respondentes, 303 eram do sexo feminino e 221, do sexo masculino; em relação à idade: 129 alunos (24,60%) tinham 13 anos, enquanto 100 (19,10%) tinham 12 anos e 88 tinham 11 anos (16,80%); quanto à turma, as participações mais expressivas foram as seguintes: 144 alunos do 6º ano, o que equivale a 27,50% do total; 124 alunos do 7º ano, ou seja, 23,70%; e 64 alunos do 8º ano, o equivalente a 12,20% do total.

## **5 Apresentação e análise de dados**

As respostas nos surpreenderam, pois ponderávamos que, por serem moradores em situação de vulnerabilidade, os estudantes não teriam acesso à internet, mas nas pesquisas confirmou-se justamente o oposto, uma vez que quase todos os alunos (94,70%) tem acesso à internet em rede própria – 28 alunos não têm acesso a rede alguma. O mais curioso foi que 80,50% dos alunos têm acesso por meio do celular, permanecendo o computador em segundo lugar, com somente 20,40% dos acessos. Apenas 2,30% dos estudantes informaram que tinham acesso à rede no colégio, porém, compreendemos que os discentes acessavam a internet no ambiente escolar por meio do próprio celular.

Identificou-se que 454 alunos possuíam um perfil no Facebook, ou seja, 86,60% do total de alunos entrevistados informaram que tinham um perfil na rede social, ficando o Instagram em segundo lugar nas respostas, com 36,10%, e o Twitter em terceiro, com 27,10%. Além disso, 60,50% responderam que acessavam diariamente seu perfil no Facebook, enquanto 37,80% assumiram que não acessavam diariamente seu perfil; apenas 9 alunos, ou seja, 1,70%, preferiram não responder à questão.

Indagamos aos jovens sobre o interesse na criação de uma página no Facebook para auxílio à educação escolar na disciplina de ciências e 78,10% consideraram benéfica essa possível iniciativa, enquanto 16,60% não se interessaram. Todavia, alguns estudantes não consideraram a rede social como um recurso propício para estudar, e sim para “fofocar”. Do total de jovens entrevistados, 28 preferiram se abster. Sendo assim, pudemos confirmar que os alunos consideraram o Facebook como um local incomum para fins educativos, porém podendo ser utilizado para tal.

Quanto aos hábitos e gostos relativos à leitura e no que diz respeito ao uso da sala de leitura pelos sujeitos da pesquisa, foram obtidos os seguintes dados: apurou-se que 292 alunos e alunas gostam de frequentar a sala de leitura, o que equivale a 55,70% do total, ou seja, mais da metade dos alunos que responderam. Esse dado é essencial para a pesquisa, pois, como foi

Aline Silva Dejosi Nery; Sabine Lino Pinto; Chreiva Magalhães Malick; Sônia Cristina Vermelho

confirmado numa questão anteriormente respondida pelos participantes, a grande maioria dos alunos tem acesso à internet, o que não inviabilizou que mais da metade dos respondentes gostasse de frequentar a sala de leitura. Esses dados também são relevantes quando levamos em consideração o fato de a sala de leitura da escola não ser utilizada há mais de um ano e de possuir um acervo deteriorado e obsoleto, além de uma escassa infraestrutura, aspectos que a tornavam menos atraente aos alunos. Essas características podem ser observadas nas figuras 1 e 2, que retratam as partes externa e interna da sala de leitura.

Figura 1 – Fachada do prédio da sala de leitura



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 2 – Interior da sala de leitura



Fonte: Acervo das autoras.

Outra questão abordada indicou que 274 alunos (52,30%) não frequentam ou frequentaram alguma biblioteca. Esse dado é significativo, pois reforça a importância da existência, manutenção e acesso à sala de leitura da escola para esses alunos, em especial para os que gostam de frequentá-la. Nesse caso, tendo em vista se tratar de um contexto vulnerável, a sala de leitura se apresenta como única e imprescindível para a formação desses sujeitos, corroborando a sua atribuição como espaço propício de aquisição e aporte ao conhecimento e à socialização, conforme demonstrado pela figura 3, que expõe alunos reproduzindo uma peça de teatro de fantoches.

Aline Silva Dejosi Nery; Sabrine Lino Pinto; Chreiva Magalhães Malick; Sônia Cristina Vermelho

Figura 3 – Reprodução de peça de teatro de fantoches pelos alunos na sala de leitura



Fonte: Acervo das autoras.

Acerca do hábito da leitura, 290 alunos, ou seja, 55,30%, responderam que a mãe é a maior influenciadora desse costume, seguida pela indicação do professor em 133 respostas (25,40%), o que denota o papel determinante do professor nesse sentido.

As respostas para a questão sobre o significado da leitura foram reveladoras, pois os quesitos “negativos” foram menos respondidos, com percentual abaixo de 7,4% do total das respostas – entre eles, o de que a leitura toma muito tempo, é uma obrigação, é cansativa, é difícil e não significa nada. Em contrapartida, os tópicos “positivos” foram os mais respondidos, como o de que a leitura traz conhecimento, com 346 respostas; e o de que a leitura facilita a aprendizagem na escola, com 273 respostas, o que denota que os alunos acreditam que a leitura é importante para a sua formação.

Perante o exposto, essas informações demonstraram efeitos já previstos e outros até então não considerados, mas o que podemos abreviar é que a sala de leitura se coloca como um espaço diferenciado no ambiente da escola, seja para estudar, seja como local de intervenção cultural ou espaço potencial para uso dos docentes em suas práticas de ensino, assim como pode ser verificado nas figuras 4 e 5.

Aline Silva Dejosi Nery; Sabrine Lino Pinto; Chreiva Magalhães Malick; Sônia Cristina Vermelho

Figura 4 – Atividade de leitura durante uma aula realizada na sala de leitura



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 5 – Atividade de pesquisa durante uma aula realizada na sala de leitura



Fonte: Acervo das autoras.

## 6 Considerações finais

A realização deste estudo teve como propósito investigar a possibilidade da utilização de práticas diferenciadas no ensino de ciências, contribuindo para a articulação dos conteúdos formais apresentados na sala de aula com a rede social Facebook e a sala de leitura escolar. Acreditamos que estas se apresentam como ferramentas que facilitam o processo de ensino-aprendizagem e contribuem para uma educação independente e para a formação crítica dos jovens, dando possibilidades para que ressignifiquem o papel da sala de leitura no contexto da escola e do uso das mídias para uma contextualização e transformação de sua realidade.

A história e a trajetória da educação em Maguinhos não podem ser eliminadas, mas podemos trabalhar para diminuir o impacto, na vida dos alunos, dos danos gerados pelas violências sofridas, pelas ações autoritárias a que são submetidos, pela diferenciação que se faz entre a escola em questão e as demais escolas da cidade e pela falta de esperança de futuro para aquelas crianças, pois, se dependerem das condições que aquele ambiente lhes proporciona, terão muita dificuldade para romper com o ciclo de marginalização.

Nesse sentido, a pesquisa, ao nos tornar capazes de intervir na realidade, mesmo que por pouco tempo, se tornou tarefa incomparavelmente mais complexa, mas geradora de novos saberes sobre aquele local. Freire (1996) já dizia que ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra, pois sempre existem perguntas a serem feitas, o que nos faz ver a impossibilidade de estudar por estudar, de estudar sem se comprometer com os problemas que existem na escola pesquisada.

Por conseguinte, tornar o ensino de ciências algo prazeroso e mais convidativo tem sido o objetivo de vários educadores e, compartilhando desse pensamento, propomos este estudo no intuito de construir uma base para novas ações que estão sendo e serão realizadas levando-se em conta a realidade, as necessidades e os gostos dos alunos. Uma dessas ações foi a criação no Facebook do grupo de estudos de ciências na escola em Manguinhos em outubro de 2017. A divulgação ocorreu com a distribuição de um convite aos alunos contendo o *link* para entrada na página do grupo, o que atraiu o interesse de 35 alunos, os quais participaram na página visualizando o conteúdo, postando comentários e curtindo as publicações relacionadas a ciências.

No caso da sala de leitura, foram realizadas algumas atividades em conjunto com professores que passaram a levar algumas turmas para o espaço. Também foram realizadas oficinas pelo grupo de pesquisa do projeto e foi possível disponibilizar o serviço de Memória e Informação, v. 3, n. 1, p. 84-98, jan./jun. 2019

Aline Silva Dejosi Nery; Sabine Lino Pinto; Chreiva Magalhães Malick; Sônia Cristina Vermelho

empréstimo de livros do acervo, bem como a abertura da sala em três dias da semana para os usuários realizarem leituras e pesquisas escolares e utilizarem outros materiais existentes no espaço, como bonecos de fantoches e jogos educativos.

### Referências

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CUSTODIO, L. **Midiativismo de favela: Reflexões sobre o processo de pesquisa**. University of Tampere: School of Communication, Media and Theater. Finland, 2016.

FERNANDES, T. M.; COSTA, R. G. R. As comunidades de Manguinhos na história das favelas no Rio de Janeiro. **Revista Tempo**, Niterói-RJ, v. 19, n. 34, p. 117-133, 2013.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas estado da arte. **Educação & Sociedade**, Campinas-SP, v. 22, n. 79, p. 257-272, 2002.

FREIRE, L. de L. Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 95-114, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Aglomerados subnormais: Informações territoriais**. IBGE: Rio de Janeiro, 2010.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MAGALHÃES, R. *et al.* Intersetorialidade, convergência e sustentabilidade: desafios do programa Bolsa Família em Manguinhos, RJ. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro-RJ, v. 16, p. 4.442-4.453, 2011.

MILANESI, L. A. **Biblioteca**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.

MONTEIRO, S. R. da P. O marco conceitual da vulnerabilidade social. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 17, n. 2, p. 29-40, 2011.

PETIT, M. **A arte de ler: ou como resistir às adversidades**. São Paulo: Editora 34, 2009a.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009b.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre-RS: Sulina, 2011.

Aline Silva Dejosi Nery; Sabine Lino Pinto; Chreiva Magalhães Malick; Sônia Cristina Vermelho

SANTA ANNA, J. O bibliotecário em face das transformações sociais: de guardião a um profissional desinstitucionalizado. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 138-157, 2015.

SANTOS, S. D. M. dos. Educação, trabalho docente e tecnologia: percursos e tensões no processo de significação. *In*: TARDELI, D. D.; DE PAULA, F. V. (org.). **O cotidiano da escola**: as novas demandas educacionais. São Paulo: Cengage, 2015.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SILVA, M. R.; HAYASHI, C. R. M.; HAYASHI, M. C. P. I. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, São Paulo-SP, v. 2, n. 1, p. 110-129, 2011.

VERMELHO, S. C.; AREU, G. I. P. Estado da arte da área de educação & comunicação em periódicos brasileiros. **Educação & Sociedade**, Campinas-SP, v. 26, n. 93, p. 1.413-1.434, 2005.